

As produções do GT-17 da ANPEd e o seu papel para o desenvolvimento da Filosofia da Educação no Brasil

Pedro Angelo Pagni

Cláudio Almir Dalbosco

Tem o presente histórico a finalidade de apresentar um breve histórico do GT-17- da ANPEd e discutir o papel que desempenhou no desenvolvimento da Filosofia da Educação no Brasil, demonstrando a sua contribuição como um campo disciplinar em que reflete as tendências gerais desta última, como também as refrata, propondo alguns respiradouros que possibilitam a sua constante inovação. Para tal propósito, dividiremos esse histórico em três momentos. Em um primeiro momento, reconstruímos brevemente o período que corresponde à criação do GT, até o processo de sua consolidação, respondendo algumas das demandas da área de Filosofia da Educação no Brasil e de seus pesquisadores. No segundo momento, abordamos as questões referentes às tentativas de sua constituição como um campo disciplinar e os seus reflexos nos trabalhos apresentados no GT-17 da ANPEd ao refletir as tendências, de 1997 a 2004, assim como aquilo que alguns de seus integrantes designaram como “crise” da Filosofia da Educação. No terceiro momento, argumentamos que o GT não somente reflete uma tendência majoritária dessa área, como também a refrata e produz certa oxigenação, se constituindo por aquilo que alguns de seus integrantes chamam de “terreno de interlocução” privilegiado para aglutinar diversas perspectivas teóricas e tradições da Filosofia, mantendo a pluralidade necessária para o desenvolvimento dessa área. É esse papel que foi se construindo no GT, de 2005 a 2007, e se efetivando em suas ações, desde então, graças à eleição da formação humana como um tema aglutinador e como um de seus objetos privilegiados de estudo, propiciando o clima plural de debates esperado e um papel político-acadêmico importante no âmbito da Filosofia da Educação no Brasil. Esperamos que com esse percurso histórico consigamos apresentar um cenário em que os capítulos subsequentes dessa coletânea se inserem no âmbito do desenvolvimento desse GT e de suas produções acadêmicas.

Da criação à consolidação do GT-17-Filosofia da Educação

A proposta de criação de um Grupo para debater os resultados e dar vazão às pesquisas em Filosofia da Educação surgiu na 16ª Reunião Anual da Anped, realizada em 1993, na cidade de Caxambú/MG. O principal argumento que sustentou essa proposta, apoiada por 39 participantes da reunião, de acordo com Albuquerque, Oliveira e Santiago (2006), era o de que vários trabalhos enviados se identificavam com temáticas e com perspectivas filosófico-educacionais. A proposta foi acatada pela assembleia geral da 16ª reunião anual da ANPED, que autorizou a criação de um Grupo Especial de Filosofia da Educação e constitui uma comissão para tentar configurá-lo como Grupo de Estudos na reunião subsequente.

A comissão provisória foi constituída pelos professores: Newton Duarte (UNESP), Ari Paulo Jantsch (UFSC) e Antônio Joaquim Severino (USP), como membros titulares; Bruno Pucci (UFSCAR), Maria Cecília S. Teixeira (USP), Norberto Jacob Etges (UFSC) e Mirian Paura Grispun (UERJ), como suplentes. Durante os meses que antecederam a 17ª Reunião Anual, em 1994, tal comissão realizou ampla mobilização dos pesquisadores e dos estudantes para apresentação de trabalhos. O resultado alcançado foi a subscrição de 59 trabalhos dos quais 34 foram selecionados (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA; SANTIAGO, 2006), entre as modalidades de trabalho completo e comunicação.

Graças ao desempenho demonstrado pelo campo e ao empenho da comissão provisória na sua organização, a plenária final dessa reunião da ANPED deliberou para transformar o Grupo Especial em Grupo de Estudos de Filosofia da Educação, mantendo em sua coordenação os mesmos integrantes da comissão provisória constituída anteriormente. Após a 18ª Reunião Anual, em 1995, com a repetição de uma expressiva subscrição de trabalhos dos quais 16 foram apresentadas, o Grupo de Estudos de Filosofia da Educação alçou à condição de Grupo de Trabalho. Nessa condição, assumiram, até 1996, a sua primeira coordenação e vice-coordenação, respectivamente, os professores Antônio Joaquim Severino (USP) e Ari Paulo Jantsch (UFSC).

As gestões seguintes foram constituídas pelos seguintes coordenador/a e vice, respectivamente: 1997-1998 - Bruno Pucci (UNIMEP), Paulo Ghiraldelli Júnior (UNESP); 1999-2000- Paulo Ghiraldelli Júnior (UNESP), Nadja Hermann (UFRGS); 2001-2002 - Lílían do Valle (UERJ), Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL); 2003-2004 - Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL), Sílvio Gallo (UNICAMP); 2005- Sílvio Gallo (UNICAMP), Walter

Omar Kohan (UERJ); 2006-2007 – Newton Duarte (UNESP), Ari Paulo Jantsch (UFSC); 2008-2009 – Ari Paulo Jantsch (UFSC), Ralph Ings Bannell (PUC/RJ); 2010-2011 – Ralph Ings Bannell (PUC/RJ), Nadja Hermann (PUC/RS); 2012-2013 - Pedro Angelo Pagni (UNESP), Cláudio Almir Dalbosco (UPF).

Ao final dessa primeira gestão, quantitativamente, pouca alteração ocorreu em relação à demanda de trabalhos. Em 1996, o número de trabalhos apresentado foi de 16, conforme demonstram Albuquerque, Oliveira e Santiago (2006), o que se pode inferir que havia uma demanda por trabalhos na área que necessitava ser posta em circulação com a criação do GT-17-Filosofia da Educação e concentrar os debates em torno da constituição desse campo da Educação na ANPEd.

É bastante compreensível o porquê da criação desse Grupo de Trabalho, caso se considere a associação na qual foi criado, o contexto das produções acadêmicas e os embates entre seus campos de saberes nos Programas de Pós-graduação em Educação os quais representa. Se a ANPEd procurava exprimir tanto esses embates quanto àquelas produções, desde os anos 1970, como assinalou Severino (2000), com o desenvolvimento dos Programas de Pós-graduação em Educação no Brasil, se demarcou de modo mais significativo as pesquisas em Filosofia da Educação.

Provavelmente, o aumento das pesquisas, nesse campo, durante e, principalmente, ao final dos anos 1980, fizeram com que essa demanda pela criação de um Grupo de Trabalho ocorresse e sua criação se efetivasse com uma expressiva quantidade de trabalhos apresentados, do período de sua constituição até 2001, quando se observa uma ligeira queda e uma oscilação até 2004 (ALBUQUERQUE, OLIVEIRA, SANTIAGO, 2006). Antes de discutirmos os motivos que provocaram essa oscilação, porém, é importante indicar um fator relativo às características qualitativas dos trabalhos e à qualificação dos debates ocorridos na constituição desse campo no GT-17-da ANPEd, durante esse período.

Tal fator se refere, mais precisamente, a certa especialização almejada pelo campo da História da Educação, ao qual o da Filosofia da Educação esteve diretamente associado durante os anos 1980, assim como uma tendência deste campo de pesquisa em buscar a sua identidade entre os saberes constitutivos da Educação. Se, nesse movimento dissociativo dos anos 1990, a História da Educação procurou se acercar de sua relação com a História e, principalmente, da discussão historiográfica em busca a conceber novos problemas, abordagens e objetos, analogamente, a Filosofia da Educação também se aproximou da

Filosofia, de suas abordagens interpretativas e, em especial, de algumas correntes da Filosofia Contemporânea com objetivo de pensar a educação desse ponto de vista filosófico e, efetivamente, demarca-lo como um campo específico dos saberes pedagógico e educacional.

Em relação à quantidade de trabalhos submissão e à apresentação dos trabalhos no GT-Filosofia da Educação e da oscilação que apresentam até 2004, o seguinte quadro pode ser esboçado. Na 24ª Reunião anual, em 2001, foram submetidos à avaliação 21 trabalhos e 3 pôsteres dos quais 9 foram aprovados na primeira modalidade, enquanto que nenhum na segunda. Na reunião seguinte, em 2002, o número de trabalhos submetidos caiu para 14 dos quais 9 foram apresentados, não havendo no relatório ou na programação qualquer menção à subscrição e à apresentação de pôsteres. Em 2003, na 26ª Reunião Anual, foram submetidos 22 trabalhos e 4 pôsteres para avaliação no GT-17, sendo 14 os aprovados na primeira (4 como excedentes) e 3 na segunda modalidade. Não foi possível encontrar o relatório científico do GT, em 2004, na 27ª Reunião Anual, mas pela sua programação se constata a apresentação de 9 trabalhos e 1 pôster.

Os dados extraídos dos documentos disponíveis¹ parecem ser suficientes para considerar que a oscilação e, eventual, queda do número de trabalhos no GT resulta não de uma redução da demanda dos trabalhos da área. Ao contrário, há uma ampliação da produção intelectual dessa área, em meados de 2000, graças ao crescimento dos Programas de Pós-graduação em Educação, ao mesmo tempo em que se observa uma diminuição da submissão de propostas e de apresentação de trabalhos no GT-Filosofia da Educação da ANPEd. Se, nos termos assinalados por Albuquerque, Oliveira e Santiago (2006), essa situação teria gerado certo descompasso da produção intelectual de uma área em crescimento com a restrição da circulação de seus produtos no GT-Filosofia da Educação, alguns fatores parecem justificá-lo.

A adoção de critérios de avaliação e de seleção cada vez mais rígidos em virtude da alta demanda de submissões nas primeiras reuniões do GT foi um desses fatores. É perceptível o esforço de seus integrantes, *ad hocs*, comitê científico e coordenação, nos documentos consultados, para delimitar o campo de estudos em Filosofia da Educação e, com isso, exigir um melhor enquadramento dos trabalhos submetidos a determinados temas e critérios de avaliação. Por um lado, foi o número grande de trabalhos que justificou a sua criação; por outro, o GT-Filosofia da Educação teve que enfrentar certa indefinição do campo, dado a proximidade de muitos trabalhos à psicologia e à sociologia da educação, problemas relacionados ao meio ambiente e um pouco menos às questões de gênero, diversidade sexual e

relações étnico-raciais, que ainda não tinham um lugar muito definido na ANPEd. A melhor redistribuição de parte desses trabalhos em GTs já existentes e em GTs que foram sendo criados² auxiliou a melhor delimitar, por um lado, o tão almejado campo da Filosofia da Educação da ANPEd, juntamente com o esforço da associação em tornar mais criteriosa a avaliação de trabalhos, por outro, as demandas internas dos trabalhos apresentados no próprio GT-Filosofia da Educação foram lhe dando contornos mais ou menos delimitados.

Da constituição de um campo disciplinar à sua “crise”

O que pareceu estar em jogo nessa busca da Filosofia da Educação empreendida pelo GT, de sua criação até 2004, foram questões em tono de sua identidade ou dispersão, na interface com a Filosofia. Desse modo, a constituição desse campo de pesquisa propiciou uma inovação no pensar a educação, na legitimação de seus saberes e de suas práticas, distanciando-se de sua concepção como seu fundamento teórico e, parcialmente, de sua posição como meta-discurso da Educação. Mesmo que uma parte da produção acadêmica ainda continuasse com essa concepção de Filosofia da Educação e dessa perspectiva teórica, que se refletia nos trabalhos apresentados, nas reuniões anuais começou a emergir uma tendência dos estudos em se ocupar das interfaces da Educação com a Filosofia em torno de problemas epistemológicos, ontológicos, éticos, antropológicos, dando novos contornos a esse campo.

Desde a criação do GT-Filosofia da Educação até 2004, essa tendência de estudos passou a ser majoritária nas reuniões anuais, multiplicando as perspectivas teóricas em voga e, particularmente, concentrando os seus esforços na delimitação ou na ampliação desses contornos. É o que se percebe ao analisar tanto a literatura filosófica educacional produzida no Brasil quanto os trabalhos apresentados no GT-Filosofia da Educação, no período. Vale ressaltar que estes últimos que encontraram na revista *Perspectiva da UFSC*³, graças à iniciativa de Ari Paulo Jantsch, um periódico importante para a sua publicação e veiculação dos resultados dos trabalhos e comunicações nas Reuniões Anuais de 1994 a 2000. Nessas publicações, podem ser encontradas não somente uma diversificação das discussões em torno de eixos epistemológicos, ontológicos, éticos, antropológicos, políticos, como mencionados anteriormente e demonstrados por Albuquerque, Oliveira e Santiago (2006), como também a

sua concentração em torno da natureza do ensino da disciplina e do campo de pesquisa denominado Filosofia da Educação.

Dos trabalhos publicados, os de Maria Betânia Albuquerque (1998), Bruno Pucci (1998), o trabalho encomendado de Hans-Georg Flickinger (1998), Tarso Mazotti (1999), Sílvio Gallo (2000), Lílian do Vale (2000), Elisete Tomazetti (2001), Filipe Ceppas (2001), sem contar a obra publicada por Paulo Ghiraldelli Júnior (2000) motivada pela pergunta “o que é Filosofia da Educação?”, procuram dar uma resposta a essa questão, ainda que fosse para problematizar essa busca por sua identidade como campo ou como disciplina nos cursos de formação de professores. Tema este que também vinha sendo matizado por Antônio Joaquim Severino (1990; 2000) e por outros pesquisadores desse campo, como Saviani (1983) e Durmerval Trigueiro Mendes (1987), que nas décadas anteriores protagonizaram um debate sobre o tema. Ademais, não foram raros, também, os trabalhos que, em decorrência dessa discussão do GT e necessidade manifesta pelos pesquisadores do campo da Filosofia da Educação, circularam em periódicos educacionais, em vistas a redefinir outras formas de relação entre a Filosofia e a Educação. Nesse sentido, trabalhos como os de Kohan (1998; 2003) parecem configurar um olhar transversal entre esses campos ao postular, inclusive, uma alteração semântica, ao invés de filosofia da educação, filosofia ou filosofar *na* educação, como um dos pontos em que radicou esse debate.

O propósito de encontrar uma melhor delimitação do campo ou transbordar as suas margens se tornaram tão tangíveis que, não obstante concentrarem espontaneamente parte dos trabalhos apresentados no GT-Filosofia da Educação, a própria dinâmica das reuniões foi alterada para induzir questões que melhor o circunscrevessem. A alteração da dinâmica de apresentação de trabalho é outro fator relevante para ponderarmos sobre as razões de certa queda da submissão e da apresentação de trabalhos em 2003 e, principalmente, em 2004. O aspecto da dinâmica que foi alterado na programação específica⁴ do GT-Filosofia da Educação e, provavelmente, que resultou nesta queda do número de trabalhos está associado à indução da demanda por meio de questões ou de temas específicos que foi aprovado em 2001. Essa proposta, com amplo apoio no GT, pelas razões antes mencionadas acerca da necessidade da delimitação do campo, consistiu em alterar o número de trabalhos apresentados para nove e induzir um tema para, após o processo de avaliação, selecionar dessa demanda induzida seis trabalhos, sendo que os outros 3 seriam selecionados de uma demanda espontânea. Ela buscava encontrar, por recomendação da própria organização da

ANPEd, uma proposta intermediária entre aquelas que estavam em execução nos outros GTs e que consistiam em selecionar os trabalhos por demanda induzida ou por demanda espontânea. Com essa estratégia adotada pelo GT-17, procurava-se propor uma ou duas questões em torno dos quais se procurava circunscrever mais as discussões, facilitando a organização das apresentações e garantindo o debate efetivo dos trabalhos, sem impedir que outros temas, problemas e perspectivas teóricas fossem apresentados, facultando, a demanda. Contudo, essa estratégia de induzir uma temática foi suspensa, em 2003, ao término da 26ª Reunião Anual, aparentemente, em razão das dificuldades apresentadas pelo comitê científico e, principalmente, pelos *ad hocs*, sobretudo, para separar os trabalhos por tema e, principalmente, da percepção de uma tendência de queda da submissão, que se evidenciou ainda mais em 2004. Como se pode verificar no Relatório da 26ª Reunião Anual – GT-Filosofia da Educação (2003), porém, o fator decisivo para voltar à outra dinâmica foi a necessidade de certa padronização das programações específicas dos GTs, proposta na reunião dos coordenadores com a diretoria da ANPEd, e o entendimento de que os resultados dessa nova dinâmica teriam sido os mesmos da anterior. Vale lembrar que, também, no caso do GT-17, certa indução temática já vinha ocorrendo com os trabalhos encomendados e, mais raramente, com a modalidade de minicurso⁵.

Estrategicamente, aquela modalidade foi utilizada em alguns momentos para: (1) abordar um determinado tema induzido graças à apresentação dos trabalhos e às discussões da área, convidando pesquisadores estrangeiros – como ocorreu com Hans-George Flickinger (em 1997 e 2010), Jorge Larossa (em 2001) e Fernando Bárcena (2012) – ou pesquisadores brasileiros para abordá-los – nos casos de Pedro Göergen (em 2004), Dermeval Saviani e Newton Duarte (em 2009) e Sílvio Gallo (em 2011); (2) aprofundar os laços da problemática educacional estudada com alguns pontos de vista de sua abordagem provenientes da Filosofia, convidando pesquisadores estrangeiros, Patrice Vermereen (em 2002), e brasileiros, como Olgária Matos (em 1999) e como Oswaldo Giacóia Júnior (em 2004), dessa área; (3) estabelecer interlocução de pontos de vistas para abordar temas e campos de aprofundamento com a produção em Filosofia da Educação e em Filosofia de outros países, como ocorreu com Walter Kohan e Carlos Cullen (em 2005); (4) acolher problemáticas emergentes na subárea de Filosofia da Educação, como a do ensino de filosofia para crianças com Walter Kohan (em 1999), ou de sua interface com outras áreas das Ciências Humanas, como com a psicologia como Éster Vaisman (em 2006); (5) preservar a memória da constituição da filosofia da

educação, homenageando intelectuais de expressão nessa subárea, responsáveis pelo seu desenvolvimento no Brasil, convidando pesquisadores que se especializaram, conviveram ou se interessam pelo pensamento desses intelectuais, como ocorreu com Pedro Angelo Pagni (em 2000) para homenagear os cem anos de Anísio Teixeira, com José Antônio Carlos David Chagas (em 2003) e com Newton Duarte e Magali Laura Torriglia (em 2008) para homenagear, respectivamente, Neidson Rodrigues e Maria Célia Moraes Marcondes; (6) abrir espaços de discussão para a criação de associações, convidando os integrantes de sua comissão provisória, como ocorreu (em 2008) sob a coordenação de Ralf Ings Bannells para falar da criação da sociedade brasileira de Filosofia da Educação.

Por sua vez, a manutenção da demanda espontânea em relação à dinâmica da submissão de trabalhos e pôsteres, desde 2004, como demonstrado no artigo de Albuquerque e Dias (2011), propiciou uma multiplicação de perspectivas teóricas e temas, que já eram grandes, assim como o predomínio da veiculação de estudos sobre autores e correntes da filosofia que pensaram a educação, refletindo uma tendência majoritária da Filosofia da Educação. De acordo com Pagni (2006), essa tendência promoveu, por um lado, o aumento do rigor conceitual na abordagem da educação no pensamento dos filósofos, graças a uma maior aproximação da Filosofia e, principalmente, dos métodos da História da Filosofia. Por outro lado, ela tornou essa metodologia excessiva se restringindo somente a estudos de determinados autores e escolas da Filosofia, que privilegiam o comentário textual ao invés dos projetos filosóficos e das comparações entre eles, sem auxiliar a pensar os problemas emergentes da práxis educativa e da realidade sociocultural brasileira. Dessa forma, tais estudos teriam corrido o risco de circunscrever o pensamento da educação a determinadas doutrinas, mesmo quando os pensamentos de seus autores fossem anti-doutrinários.

Os reflexos dessa tendência da área e desse problema podem ser encontrados, seguramente, na produção do GT-Filosofia da Educação da ANPEd, já que tem concorrido para a sua consolidação no Brasil. Nesse contexto, afinal, tratava-se de restabelecer os elos entre Educação e Filosofia, em vistas de a Filosofia da Educação se autonomizar de sua ligação com a História da Educação, na década de 1980, assim como, nos termos indicados por Gallo (2007) se consolidar como campo disciplinar. Ao ampliar a sua extensão como tal no âmbito da pesquisa em Educação e do currículo dos cursos de Formação de Professores, esse campo disciplinar poderia ampliar seu alcance, por assim dizer, já consolidado em meados dos anos 2000 nos Programas de Pós-graduação em Educação. De acordo com Gallo

(2007, p. 274), “um dos principais caminhos encontrados foi o de estudos de autor, o que não deixa de ser uma espécie de reflexo da tradição da Filosofia no Brasil, influenciada pelos valores franceses de que fazer Filosofia é fazer história da Filosofia”. Ao trilhar esse caminho, não obstante todas as vantagens já destacadas neste artigo, segundo esse mesmo autor a Filosofia da Educação se restringiu a uma tradição da Filosofia e se fechou como campo de saber especializado, constatando-se uma “perda do potencial criativo do pensamento” (GALLO, 2007, P. 275). O problema, porém, é que passaríamos por uma “crise” na acepção do autor, por um lado, em razão desse endurecimento da área diante da defesa de sua especialização e, por outro, das revisões curriculares dos cursos de Pedagogia, que passaram a optar por matrizes mais multi ou interdisciplinares.

Poderíamos acrescentar ao diagnóstico dessa “crise” como campo disciplinar, que essas reformas curriculares ocorreram por motivos menos nobres e por visões mais pragmáticas em que a Filosofia da Educação não encontraria mais lugar como fundamento dos saberes pedagógicos. Isso porque essa disciplina, após toda a crítica proveniente das pesquisas da área à sua concepção como fundamento, ainda persistiu em seu ensino como tal ou como um percurso na história da filosofia de autores que abordaram o tema da educação ou, ainda, como a transmissão do conhecimento sobre um autor ou uma escola filosófica⁶. Nestes casos, raros foram os estudos que procuraram pensar de outra forma a relação entre Filosofia e Educação no sentido de estabelecer outro sentido para essa disciplina, para reorientar normativamente a sua relação com outros campos do saber pedagógico e o seu papel no curso de Pedagogia⁷. O mesmo se pode dizer em relação à produção mais recente de livros didáticos que preconizaram a reconstituição da história da filosofia a partir de alguns temas ou problemas, elegendo alguns autores ou correntes filosóficas, com o objetivo de orientar o ensino da disciplina na graduação⁸. No entanto, as produções teóricas da área sobre autores, seja em coleções especializadas, seja em livros didáticos são imensas, desde os anos 2000, ao ponto de não conseguirmos aqui citar a todas. Esse indicativo, também, corrobora uma tendência geral da área em termos de estudos, que repercutem diretamente sobre o ensino de Filosofia da Educação nos cursos de graduação em Pedagogia. Em todo caso, ele sugere que não somente as alterações curriculares promoveram certa diluição dessa disciplina nos cursos de formação de professores, como também, ao se configurar de um modo distante dos problemas que afligem essa formação, da atividade docente e da ação educativa para se cerrar em um campo teórico-conceitual qualquer, em uma tradição da filosofia e em uma escola

filosófica, o próprio desenvolvimento da Filosofia da Educação a fez chegar a um impasse sem precedentes, no Brasil, na primeira metade dos anos 2000.

Todavia, o GT-Filosofia da Educação não apenas reflete essa tendência geral, corroborando o seu processo de consolidação, como também a refrata, criando certas aberturas para oxigenar os rumos tomados pelas pesquisas da área na Educação e pelo ensino dessa disciplina nos cursos de formação de professores. Este é o ponto que nos interessa ressaltar, na sequência, para indicar qual a sua relevância para o desenvolvimento desse campo e dessa disciplina, no Brasil, a começar pela dinâmica e pela temática que os integrantes do GT-Filosofia da Educação elegeram para encontrar o seu lugar e para se constituir em um campo profícuo de debate dos problemas que o atravessam.

A constituição de um “terreno de interlocução”: reflexos e refrações de uma área

Desde 2005, após conseguir manter uma média de submissão entre 25 e 30 trabalhos e tornar mais estável em torno de 14 o número de apresentação de comunicações orais, a dinâmica de apresentação propiciou, em termos qualitativos, um deslocamento significativo da temática privilegiada espontaneamente pelo GT que, até então, girava em torno da questão de identidade ou não da Filosofia da Educação. Embora Albuquerque e Dias (2011) tenham considerado que esse deslocamento tenha ocorrido sem uma resolução aprofundada e satisfatória da questão, ele parece corroborar aquilo que, ao se referir ao papel a ser desempenhado pelo GT-Filosofia da Educação, nesse contexto, Lilian do Valle e Walter Kohan (2004) diagnosticaram como sendo o de promover um “terreno de interlocuções”⁹ entre várias perspectivas filosóficas sobre temas comuns da educação e os debates capazes de garantir certa pluralidade de ideias. Graças à demanda espontânea de submissão de trabalhos, observa-se nas programações específicas analisadas, a circunscrição de alguns temas comuns, como as da relação entre subjetividade e educação de 2000 a 2004, modernidade e pós-modernidade, entre 2004 e 2005, e, principalmente, o da formação humana, que começou ganhar força a partir de 2006, se tornando o principal objeto da produção do GT e da interlocução entre as diversas perspectivas desde então.

Para se verificar a incidência do tema em trabalhos que mencionam o conceito de formação ou o compreendem a partir de uma de suas configurações clássicas da Filosofia, de 2006 a 2012, basta ler os textos disponíveis dos trabalhos aprovados no GT-17-Filosofia da

Educação no site da página da ANPEd. Na 29ª Reunião Anual, dos 20 comunicações e 3 pôsteres aprovados, 04 trabalhos dos 15 apresentados se referiram mais diretamente a essa temática, constando na programação do GT, quais sejam, os de Liliane Sanchez (2006), Sinésio Ferraz Bueno (2006), Maria Betânia Santiago e Ferdinand Höhr (2006) e o de Neiva Afonso Oliveira (2006), Gomercindo Ghiggi e Avelino da Rosa Oliveira (2006). Resumidamente, a primeira comunicação analisa a formação a partir do pensamento de Castoriadis como possibilidade da formação ética no ensino médio com o retorno da filosofia; a segunda o analisa da perspectiva da primeira teoria crítica e o terceiro no âmbito da filosofia existencial de Martin Bubber; o quarto o aborda a partir das noções de experiência e autoridade no pensamento de Rousseau.

Em 2007, na 30ª. Reunião anual, das 15 comunicações e 04 pôsteres aprovados para apresentação, 05 trabalhos abordaram a temática que, ao final dessa reunião, foi assumida como central das discussões subsequentes do GT- Filosofia da Educação: os trabalhos de Antônio Álvaro Zuin (2007), de Werner Markert (2007), de Maiane Liana Hatschbach Ourique e Amarildo Luiz Trevisan (2007), de Marcos A. Lorieri, Cleide R. Silvério de Almeida, Eliane Dal Mas Dias e Izabel Petraglia (2007) e de André Gustavo Ferreira da Silva (2007). Dos trabalhos apresentados, os três primeiros a abordaram da perspectiva da teoria crítica da sociedade, o quarto do ponto de vista de uma antropologia filosófica na qual se fundaria a Filosofia da Educação e o último a analisou no pensamento hegeliano a partir do conceito de *Freiheit*.

Na reunião anual seguinte, em 2008, das 11 comunicações e 2 pôsteres aprovados, 6 trabalhos abordaram o tema da formação humana, particularmente, os de Sinésio Ferraz Bueno (2008), Paulo César Nodari (2008), de Cláudio Almir Dalbosco (2008), de Newton Duarte (2008), de Alexandre Filordi de Carvalho (2008) e de Carlos Ernesto Noguera Ramirez (2008)¹⁰. A primeira comunicação abordou a temática a partir da primeira geração da teoria crítica, o segundo do ponto de vista de uma antropologia filosófica com o intuito de articular as relações da educação com a cultura e a civilização, o terceiro a partir de sua relação com o iluminismo no pensamento rousseauiano, o quarto da perspectiva de sua relação com a arte do ponto de vista de Lukács e Vigostski e os dois últimos da perspectiva das artes da existência e do pensamento de Foucault.

Vale notar que duas outras perspectivas teóricas entram em cena no âmbito das discussões sobre a temática no GT, concorrendo com certa preponderância de abordá-la à luz

da primeira ou da segunda geração da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, seguida de uma abordagem sob um viés próximo a determinadas concepções da antropologia filosófica (existencialistas ou mais clássicas da modernidade) e de um trabalho mais historiográfico sobre os pensamentos que a preconizaram, sobretudo, na modernidade. A primeira procura restaurar a vitalidade do pensamento marxista para abordar essa temática emergente no GT-Filosofia da Educação e seu alinhamento aos desdobramentos atuais da Pedagogia Histórico-crítica, como evidenciado na apresentação do trabalho encomendado de Newton Duarte e Dermeval Saviani, em 2009, na 32ª Reunião Anual da ANPEd - que, lamentavelmente, não se encontra disponível no site desta associação. Com a abordagem do tema sob a ótica do pensamento do chamado “último Foucault”, compreendida pela segunda perspectiva, o tema ganha novos contornos graças a sua aproximação de uma concepção de filosofia como modo de vida ou como artes de existência, provenientes da experiência filosófica da antiguidade, salientando um confronto não apenas de perspectivas teóricas sobre a sua abordagem, como também de tradições da própria filosofia.

O que chama a atenção é que, se, na 32ª Reunião Anual, o trabalho encomendado abordou o tema da perspectiva teórica de certa leitura do marxismo, o minicurso, desenvolvido por Ralph Ings Bannell, procurou abordá-la do ponto de vista da segunda geração da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. O mesmo ocorre, na 33ª. Reunião Anual, em 2010, quando o minicurso oferecido por Alexandre Simão de Freitas aborda o tema da perspectiva teórica e com esse recorte mais específico da obra de Foucault, enquanto que o trabalho encomendado é apresentado por Hans-Georg Flickinger, que aborda a formação humana à luz da hermenêutica de Gadamer. O que indica que, entre 2008 e 2010, a criação de um “terreno de interlocução”, como anteriormente mencionado, em torno do tema da formação efetivamente ocorreu, graças às diferentes perspectivas teóricas que circularam entre as várias modalidades de apresentação de trabalhos no GT-17-Filosofia da Educação, promovendo um debate plural de ideias e de posições, preconizado desde a sua criação, e sugerindo, mais que a sua consolidação, certa maturidade dos pesquisadores e grupos de pesquisa que dele participam.

No âmbito das modalidades de comunicação oral e de pôster esse terreno de interlocução dessas perspectivas teóricas se move no mesmo sentido. Das 12 comunicações aprovadas, em 2009, 5 abordaram direta ou indiretamente essa temática, como os trabalhos de Amarildo Luiz Trevisan (2009), Cláudio Almir Dalbosco (2009), André Ferreira da Silva

(2009), Alexandre Filordi de Carvalho (2009) e Alexandre Simão de Freitas (2009). Resumidamente, os dois primeiros trabalhos abordaram o tema de perspectivas próximas à segunda geração da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, com laços bastante significativos com a hermenêutica gadameriana; o terceiro o abordou por um viés mais historiográfico – ao analisar a *anamnesis* como condição da *paidéia* no Menon de Platão – e os dois últimos de uma perspectiva teórica que parte dos últimos cursos de Michel Foucault.

Desses trabalhos, o de Dalbosco (2009) procura responder aos impasses da área de Filosofia da Educação no Brasil, anteriormente mencionados, propondo outro modo de pensar as relações entre Filosofia e Educação. Para o autor, a Filosofia teria se academicizado, em razão de sua especialização e de assentar em estudos de filologia e de história da Filosofia, enquanto que a Educação teria se empiricizado, tornando válido apenas os estudos empíricos e voltados às práticas pedagógicas. O desenvolvimento desses campos teria provocado certa obstacularização do diálogo entre a Filosofia e a Educação, ao ponto de a primeira não reconhecer os atuais avanços das teorias de aprendizagem apropriada pela primeira para ampliar a sua concepção de razão e de a segunda denegar a necessidade de qualquer fundamentação epistemológica e de certa normatividade para tornar as suas práticas minimamente racionais. Não se trataria de propor uma fundamentação primeira para as teorias pedagógicas a partir de uma metafísica em que se assentaram as tradições anteriores da Filosofia da Educação, mas sim uma ampliação do conceito de razão no qual se assentaria. Esta mudança auxiliaria resgatar o poder normativo da teoria para que o processo formativo do homem se efetivasse, contrapondo-se ao pragmatismo tecnicista ao qual sucumbiu e a racionalidade instrumental na qual resultou. Para tanto, o diálogo da Filosofia com as Teorias de Aprendizagem deveria ser estabelecido, por meio de uma pragmática da linguagem em que o próprio eu estivesse implicado no trabalho reflexivo dos sujeitos da ação educativa, em vistas a retomar o seu sentido ético-político. Dessa forma, a Filosofia da Educação teria uma dupla tarefa: por um lado, ao se constituir como uma “guardiã da racionalidade”, “atuar assim como sistematizadora da cultura e o filósofo da educação como mediador entre conhecimentos especializados, na medida em que pergunta pelas razões e pela finalidade de tais conhecimentos”; por outro, “garantir permanentemente a reflexão sobre o sentido e as possibilidades da coordenação da ação docente e discente”, propondo-se a criar e a recriar a própria postura do que são enquanto seres (DALBOSCO, 2009, p. 15-16).

Na 33ª Reunião Anual, das 14 comunicações orais aprovadas, 7 abordaram o tema da formação, sendo que as de Moacir Fernando Viegas (2010), de Claudia Fenerich (2010), de Luiz Roberto Gomes (2010), de Cláudio Almir Dalbosco (2010), de Maiane Liana Hatschbach Ourique (2010), de Homero Luís Alves de Lima (2010) e de Lílían do Valle e Estrella Bohadana (2010). Em uma rápida análise, nota-se que os quatro primeiros trabalhos o abordaram da perspectiva da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, o quinto adota um ponto de vista heideggeriano e o sexto aborda como um modo de problematização da educação à distância. Nessa reunião a abordagem do tema pelo GT ganha, além da introdução de outra perspectiva teórica como as que o compreendem a partir de Heidegger, desenvolvido por Lima (2010), ou de Axel Honneth – representantes da terceira geração da Teoria Crítica –, apresentada por Dalbosco (2010), um pequeno deslocamento para abordar a formação ética e política, a formação docente ou a educação à distância à luz dessas perspectivas da filosofia contemporânea.

Dos trabalhos apresentado nessa reunião, chama a atenção a comunicação de Ourique (2010). A autora analisa a própria produção sobre o tema da formação no GT-Filosofia da Educação de 2007 a 2010, procurando compreender as suas implicações para a formação docente e as imagens que a constituem, buscando nos mitos de Prometeu e de Hércules uma conjunção de forças que se polarizam entre uma perspectiva mais clássica, com ênfase no trabalho conceitual e no esforço formativo, compreendida pelos pontos de vistas da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e da Antropologia Filosófica, e outra mais preocupada em oferecer sentidos aos acontecimentos e a experiências decorrentes da prática docente, num trabalho sobre si e em processos de subjetivação, compreendida pelos pontos de vista das artes da existência de Foucault e, com certa concessão, de Deleuze.

Essa polarização é evidente na programação do GT-Filosofia da Educação, na 34ª Reunião Anual, em 2011, porque não apenas o trabalho encomendado de Sílvio Gallo e o minicurso de Avelino da Rosa Oliveira indicam opções de perspectivas teóricas e de tradições da filosofia diversas, indicando uma convivência plural nessas modalidades, como também nas comunicações orais e nos pôsteres. Das 15 comunicações e dos 2 pôsteres aprovados nessa reunião, 8 trabalhos abordaram o tema, sendo que os de Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória (2011), de Alex Sander da Silva (2011), de Cláudio Almir Dalbosco (2011)¹¹, de André Gustavo Ferreira da Silva (2011), Pedro Angelo Pagni (2011), Lílían de Aragão Bastos do Valle (2011), de José Valdinei Albuquerque Miranda (2011) e Cristiane Ludwig (2011).

Desses trabalhos, os três primeiros foram abordados da perspectiva de uma das gerações da Teoria Crítica, o quarto na expectativa de defender uma determinada concepção de antropologia filosófica, o quinto à luz do pensamento de Foucault e o sexto na interpelação do pensar necessário à formação, ficando a novidade marcada não apenas por este último, como também pelos sétimos e oitavos trabalhos que, respectivamente, abordaram a formação a partir dos pensamentos de Levinas e Hannah Arendt. Tais inovações mostram a fecundidade do tema da formação no GT, a ampliação constante dos pontos de vistas que pode ser analisado e o espírito plural em que o seu debate tem transcorrido nos últimos anos, denotando maturidade intelectual por parte dos pesquisadores da área, inclusive, para escolher os “terrenos de interlocução” e os sentidos (políticos) pretendidos para a Filosofia da Educação no Brasil.

Dos últimos trabalhos selecionados, as comunicações de Ourique (2010), já apresentada, e de Pagni (2011), que aborda os matizes da formação humana na educação, parecem sintetizar algumas das razões para se escolher uma ou outra perspectiva teórica para abordar o tema, seja em virtude de uma configuração mais prometeica ou hercúlea para a docência, seja para fazer jus a uma postura política e a constituição de um *ethos* mais próximo à diversidade cultural do brasileiro. O que interessa, porém, é que em ambas há uma escolha e um destaque para a importância dessa interlocução entre as perspectivas para tal. Essa escolha é feita não pelo teor de verdade contido em uma doutrina filosófica ou outra para fundar uma teoria pedagógica, mas pela sua implicação com certa práxis ou experiência educativa, aproximando-se mais a filosofia da educação de um modo de pensar a ação educativa. Esse outro modo de abordar a Filosofia da Educação parece tentar corrigir seu excessivo afastamento dos problemas e das questões emergentes na atividade docente e na ação educativa. Ao se constituir, desse modo, ele procurou se afastar de pontos de vistas tanto que procuraram se assegurar nos estudos de autores responsáveis pela especialização do campo nos últimos anos, quanto que almejaram reelaborar a relação entre a Filosofia e a Educação, em torno de outra concepção de fundamento e de normatividade para a ação formativa, defendida por Dalbosco (2007; 2009).

Há um ponto de vista que procura restabelecer a relação entre Filosofia e Educação, concebendo a primeira como uma prática que tem um sentido eminentemente formativo e que deve nortear a ação educativa, particularmente, o trabalho do pensar suposto pela ética de si. Outro ponto de vista parece objetivar que a segunda seja o objetivo do caráter normativo

recuperado pela primeira, com o objetivo de oferecer um fundamento epistemológico e pós-metafísico à sua racionalização. São evidentes as diferenças desses pontos de vista mais recentes e das tradições filosóficas que os compreendem para o desenvolvimento atual da Filosofia da Educação e para a discussão de seu papel da ação educativa e na formação docente. Tais diferenças seriam ainda maiores se as comparássemos com as outras concepções que circulam no GT-Filosofia da Educação. No entanto, a convivência com essas diferenças, com o exercício paciente de escutar o outro ponto de vista, de problematizá-lo e de apropriar-se do que dele parece interessante, tem sido responsável por fazer desse espaço um “terreno de interlocução”, que tem se demonstrado capaz não apenas de refletir, como também de refratar e, portanto, de inovar a tendência geral da Filosofia da Educação. O que importa é que, ao promover essa refração e inovação, em razão seja da reafirmação de um ponto de vista ou de outro, seja de uma mudança de posição teórica, se percebe um devir, em geral, no sentido de diluir os problemas que são assinalados e das críticas ao próprio desenvolvimento das pesquisas em Filosofia da Educação e do ensino dessa prática teórica nos cursos de formação de professores.

Esse movimento pode ser observado na 35ª Reunião Anual, quando o problema proposto para ser enfrentado foi uma variação do tema da formação, tentando compreendê-lo agora em torno de uma questão mais próxima à prática político-educacional: como repercutiria nas Políticas dos Programas de Pós-graduação a sua restrição da educação humana ao ensino, evidenciando a sua face mais pragmática e tecnológica. O problema foi enfrentado, nessa recente reunião, com a composição de uma sessão especial para abordá-lo, da qual participaram os professores Fernando Bárcena Orbe e Pedro Göergen e a professora Belmira Bueno, respeitando não apenas as perspectivas teóricas e pontos de vistas distintos para a sua análise, como também estabelecendo uma relação mais profícua com a sociologia e a política educacional, no âmbito mais geral da ANPEd. O mesmo se pode dizer em relação a esta forma de organização mais plural no que se refere à programação específica do GT-Filosofia da Educação, já que o trabalho encomendado foi desenvolvido por Fernando Bárcena, que em sua análise defende não apenas um ponto de vista mais próximo àquele que emergiu nas últimas reuniões a partir dos trabalhos de Foucault, como também das relações da Filosofia com a literatura. Por sua vez, o minicurso foi desenvolvido por Amarildo Luiz Trevisan, que procurou na ocasião demonstrar o lugar de Axel Honneth no giro hermenêutico

da Filosofia da Educação, reforçando o outro ponto de vista recente para restabelecer os seus fundamentos e certa normatividade teórica para ação educativa em um mundo pós-metafísico.

Em relação às 16 comunicações orais aprovadas, as 14 que foram apresentadas poderão ser lidas na coletânea a ser publicada em breve, que se constitui num esforço do GT-Filosofia a Educação em retomar uma política de publicação, abandonada em 2001 e com alguns insucessos em suas retomadas anteriores, com o objetivo de veicular sua produção e a sua contribuição para o desenvolvimento dessa área no Brasil. Tal retomada se justifica não apenas pela ausência de uma maior visibilidade de sua história, brevemente recontada neste histórico, como também pela qualidade de suas produções e, principalmente, em razão da proximidade de completar 20 anos de existência, o que demonstra vitalidade e, como visto aqui, maturidade intelectual para se concretizar em um “terreno de interlocução” importante para a Filosofia da Educação no Brasil.

Desafios e questionamentos à continuidade de investigação no GT

Como forma de conclusão deste histórico, gostaríamos de mapear algumas questões que se colocam como desafio intelectual aos anos vindouros. Considerando a história do GT Filosofia da Educação aqui reconstruída em largos traços, julgamos importante destacar alguns eixos temáticos de investigação, com seus respectivos questionamentos.

- a) O problema do estatuto epistemológico do diálogo entre filosofia e educação: embora, como vimos anteriormente, o GT tenha colocado em segundo plano esta temática a partir de 2001, isso não significa dizer que ela possa ser considerada como um problema já resolvido. Parece-nos, ao contrário, que a renúncia aos problemas de fundamentação e, por conseguinte, aos problemas de validade do conhecimento educacional - levada a cabo por motivos de pensamento pós-metafísico, no âmbito da filosofia, e motivos de pensamento pós-moderno, no âmbito mais amplo da cultura -, teve um efeito colateral perverso de provocar, entre outros aspectos, uma empiricização crescente e caótica do “saber educacional”. Diante deste quadro, coloca-se então o desafio de se retomar o questionamento sobre a natureza e o estatuto metodológico e epistemológico do campo educacional, com o intuito de refletir sobre as condições de validade do conhecimento produzido. Contudo, tal retomada, depois de ter passado pela desconcertante experiência da “crise dos fundamentos”, não pode

mais ser feita nos termos de uma “fundamentação última”. Neste contexto, a questão importante parece-nos ser a seguinte: no âmbito de pensamento pós-metafísico, que estatuto metodológico e epistemológico é possível de ser assegurado ao campo educacional?

b) Por seu turno, outra posição que comparece nos debates mais recentes é a de que, além dessa pergunta pelo seu estatuto epistemológico, a prática da filosofia na ação educacional propiciaria uma aproximação desta ação em seus sentidos éticos na medida em que o seu sujeito recorresse aos referenciais filosóficos para pensar as relações que a perpassam, os problemas que dela emergem e os acontecimentos que a atravessam, na atualidade. Isso significaria admitir que essa prática não é privilégio exclusivo dos filósofos da educação, que sistematizam os princípios das teorias pedagógicas e as administram aos professores ou futuros professores. Ela também poderia ser exercida pelos próprios professores e por todos aqueles que a partir de seus próprios recursos teóricos e de sua própria experiência pensam filosoficamente os problemas emergentes da ação educativa no próprio ato de exercê-la, interpelando suas práticas e saberes, assim como o que são, o lugar de onde falam, as relações de poder que exercem, as formas de relação com o outro que estabelecem. Nesse sentido, a filosofia da educação seria desafiada a não ser apenas um campo de saber acadêmico e uma disciplina dos cursos de formação de professores, como também uma prática do pensar imanente à própria ação educativa, exercida pelos seus sujeitos, especialmente, pelo professor, que recorre aos referenciais da filosofia para pensa-la e para pensar-se. Assim, o seu desafio seria o de se constituir como parte da atividade docente, e não somente como um saber que figura nos currículos de sua formação superior nos cursos de graduação e de pós-graduação.

c) O debate acerca da formação humana: iniciado nos últimos anos no interior do GT, tal debate está muito longe de ter esgotado seu sentido e validade. Trata-se de continuar investigando, por um lado, o sentido clássico que aparece justificado nas grandes experiências intelectuais, principalmente do ocidente, como, por exemplo, da *Paidéia* grega, da *Humanitas* latina e da *Bildung* alemã. Por outro, seguindo os passos de uma crítica e re-atualização de tais experiências, deve-se tomar a sério questões educacionais urgentes que a nossa época coloca, como, por exemplo, a problemática relacionada à educação básica, à formação de professores, a crise da autoridade

docente e à indisciplina e violência escolar. Ora, neste sentido, a releitura do ideal de formação humana legado pela tradição coloca-se ainda como um horizonte indispensável para podermos avaliar o que somos e o queremos ser, não só no âmbito educacional, mas no sentido da vida humana e social mais ampla. Contudo, longe de ser feita com puro interesse exegético, tal releitura deve deixar-se orientar pela noção de filosofia com pensamento da atualidade, isto é, de filosofia como *Weltbegriff* (FOUCAULT, 2009, p. 17-56; DALBOSCO, 2010, p. 202-223).

d) Uma filosofia da educação comprometida com o pensamento da atualidade não pode fechar os olhos para a tendência mundial de profissionalização especializada do ensino superior. Tal tendência, indicada no cenário das universidades americanas por Martha Nussbaum (2010) e, nas universidades européias, especialmente alemãs, por Reinhard Brandt (2011), chama a atenção para o perigoso risco da formação de novas gerações, com mentalidade altamente técnica, sendo capazes de dar conta de modo cada vez mais eficiente de problemas localizados, mas insensíveis à problemática humana, social e ambiental. Ou seja, a tendência mundial do ensino superior aponta cada vez mais para uma formação técnica em detrimento da formação humanista. Neste contexto, é papel da filosofia da educação continuar a problematizar o conceito de formação humana, auxiliando na reflexão sobre a importância das humanidades à vivência democrática e, por fim, para fomentar uma formação profissional alargada, em vistas a reverter a sua restrição à qualificação profissional. Nesse sentido, a filosofia da educação se vê desafiada a ser, nos cursos de formação de professores e de formação continuada, um tempo e um espaço de seus currículos em que o professor ou o futuro professor ensaia diagnosticar o presente, as atitudes que pode ter diante da vida e os posicionamentos que pretende no mundo, assim como estes últimos estarão presentes em sua ação educativa. Além de desempenhar a tarefa de se responsabilizar pela transmissão de certos saberes filosóficos, de certas habilidades de leitura e de interpretação de textos da História da Filosofia e de pensar criticamente as proposições que legitimam as teorias pedagógicas. Dessa forma, a filosofia da educação auxiliaria tais profissionais em formação a se encontrarem e a buscarem um sentido para a sua atuação no mundo. Torna-se indispensável a apropriação de certos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades de pensar em contextos capazes de mobilizar os aspectos subjetivos compreendidos em suas práticas e, principalmente, a

experimentação de atitudes que permitam fortalecer o vínculo de tais profissionais com o *ethos* da cultura na qual se inserem. Assim, esses profissionais poderiam se formar e se colocar num devir formativo em que a filosofia seria um modo de habitar a sua própria ação e de viver num mundo, resistindo tanto a uma ideia estática de formação, presente ideologicamente nos discursos pedagógicos em circulação, quanto a sua efetiva restrição à qualificação profissional.

e) Por fim, vinculados aos temas anteriores, encontra-se a relação entre educação e ensino: talvez o modo mais visível que se apresenta, no cenário educacional brasileiro, aquela tendência mundial de tecnicização do ensino superior, anteriormente referida, é por meio da dicotomia estabelecida pelas políticas educacionais públicas entre educação e ensino. Por um lado, há a excessiva ênfase dada pela Capes aos cursos profissionalizantes; por outro, o diagnóstico feito por alguns setores educacionais sobre o déficit na formação de professores, colocando-o no excesso de teoria e na falta de formação didática: não se formam bons professores, assim reza tal diagnóstico, porque os Cursos de Pedagogia só se preocupam com a formação teórica de seus alunos. Cabe à filosofia da educação, por um lado, problematizar tal diagnóstico, refletindo sobre a indispensabilidade da teoria na formação de professores e criticando a miopia inerente às políticas educacionais públicas, uma vez que elas não profissionalizam querendo apenas profissionalizar e, desse modo, não podem oferecer uma boa formação pedagógica aos professores, quando reduzem, mais uma vez, os problemas de formação simplesmente ao domínio de técnicas de aprendizagem. Em síntese, a filosofia da educação deve contribuir para solidificar a idéia de que a “boa” formação de professores também passa pelo diálogo vivo com as tradições intelectuais passadas, visando re-atualizar criticamente experiências intelectuais formativas que ainda podem servir de inspiração a modos humanos de vida. Por outro lado, à filosofia da educação também se vê desafiada a partir desses modos de vida, dos acontecimentos emergentes da experiência do cotidiano e das questões que irrompem da ação educativa, para interpelar essas mesmas tradições intelectuais por questões que, muitas vezes, não se propuseram a abordar. Esta seria uma forma de manter uma relação crítica com essas tradições intelectuais, evidenciando os seus limites para analisar e acolher esses modos de existência, esses acontecimentos e essas questões que emergem do presente em seu corpo doutrinário ou, mesmo, em seus projetos. Ao

mesmo tempo em que ela se constituiria na possibilidade de propiciar um modo amadurecido e autônomo de pensá-los na ação educativa, demonstrando a capacidade de produzir estilos discursivos próprios, a possibilidade de criar processos de subjetivação que resistam ao asujeitamento do docente à tecnologização do ensino e a vitalidade de se fazer filosofias da educação *ad hoc* em consonância com as particularidades de um modo de ser e de uma cultura que podem até diferir dos moldes da universalização de uma dessas tradições intelectuais, mas não de suas ambições cosmopolitas.

Em síntese, um diálogo vivo entre filosofia e educação, que seja capaz de abandonar a um só tempo tanto a arrogância de possuir o monopólio da verdade (filosofia) como o monopólio da prática pedagógica (educação), terá condições mais favoráveis de enfrentar os desafios e questionamentos acima delineados.

Referências

- ALBUQUERQUE, M.B.B. Filosofia da Educação: uma disciplina entre a dispersão de conteúdo e a ausência de identidade. **Perspectiva**: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UFSC, 16(29): 45-63, jan./jul. 1998.
- ALBUQUERQUE, M.B.B.; OLIVEIRA, I.A.; SANTIAGO, J.L.A. **Filosofia da Educação**: produção intelectual, identidade e ensino a partir da ANPed. Belém: EDUEPA, 2006.
- ALBUQUERQUE, M.B.B.; DIAS, A.S. Quinze anos da Filosofia da Educação na ANPed: balanços e desafios. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba: PUC/PR, v. 12, n. 35, p. 233-252, jan./abr. 2012.
- BRANDT, R. *Wozu noch Universitäten? Ein Essay*. Hamburg: Meiner, 2011.
- BUENO, S. F. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. In: **Trabalhos GT-17. 29ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2006. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-2051--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2011].
- BUENO, S.F. Educação, paranóia e semiformação. In: **Trabalhos GT-17. 31ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-3989--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].
- CARVALHO, A. F. Pensar a função-educador: aproximações foucaultianas voltadas para a constituição de experiências de subjetividades ativas. In: **Trabalhos GT-17. 31ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4509--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].
- CARVALHO, A.F. Notas acerca de uma analítica da (des)pastoralização da Educação: problematizações foucaultianas. In: **Trabalhos GT-17. 32ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2009. [Disponível em:

<http://www.anped.org.br/app/webroot/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5320--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

CEPPAS, F. Uma visão crítica sobre as relações entre a Filosofia da Educação e as Ciências da Educação. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. Florianópolis: UFSC, V. 19, N. 2, p. 493-508, jul./dez. 2001.

DALBOSCO, C.A. **Pedagogia filosófica: cercanias de um diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DALBOSCO, C. A. O iluminismo pedagógico de Rousseau. In: **Trabalhos GT-17. 31ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4023--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].

DALBOSCO, C.A. Por uma filosofia da educação transformada. In: **Trabalhos GT-17. 32ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2009. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/app/webroot/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5336--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

DALBOSCO, C.A. educação, reificação e reconhecimento. In: **Trabalhos GT-17. 33ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2010. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6511--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

DALBOSCO, C. A. Foucault-Kant e questão da Aufklärung como maioria pedagógica. In: **Revista Educação Temática Digital (ETD)**, v. 12, n. 1, 2010, p. 202-223.

DUARTE, N. Arte e Formação Humana em Lukács e Vigotski. In: **Trabalhos GT-17. 31ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4026--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].

FENERICH, C. A relação entre forma e conteúdo na formação ética, moral e política dentro da escola hoje. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2010. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6252--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

FLICKINGER, H-G. Para que filosofia da educação? – 11 teses. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis: UFSC, 16(29): 15-22, jan./jul. 1998.

FOUCAULT, M. **El gobierno de sí y de los otros**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

FREITAS, A.S. O ‘cuidado de si’ como articulador de uma nova relação entre Filosofia, educação e espiritualidade: uma agenda de pesquisa Foucaultiana. In: **Trabalhos GT-17. 32ª Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2009. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/app/webroot/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5142--Int.pdf> , último acesso em 03/12/2012].

GHIRALDELLI JR, P. **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000.

GALLO, S.D. O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis: UFSC, V. 18, N. 34, p. 49-68, jan./jul. 2000.

GALLO, S.D. Filosofia da Educação no Brasil do século XX: da crítica ao conceito. **Eccos – Revista científica**. São Paulo: UNINOVE, v. 9, n.2, p. 261-284, jul./dez. 2007.

GOMES, L.R. Teoria crítica, esfera pública e formação política em Habermas. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2010. [Disponível em:

<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6591--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

KOHAN, W.O. Filosofía de la educación: a la busca de nuevos sentidos. **Educación e Filosofía**. Uberlândia: UFU, v. 12, n.24, p. 91-121, jul./dez. 1998.

KOHAN, W.O. Três lições de filosofia da educação. **Educación e Sociedade**. Campinas: CEDES, v. 24, n. 82, p.221-228, abr. 2003.

LASTÓRIA, L.A.C.N. Reforma educacional e semiformação: aproximações críticas. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-176%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012]

LUDWIG, C. Educar sem corrimões? A formação em tempos de ruptura com a tradição. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-373%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

LIMA, H.L.A. humanismo, verdade e formação na ontologia fundamental De Martin Heidegger. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2010. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6664--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

LORIERI, M.A.; ALMEIDA, C.R.S.; DIAS, E.T.D.M; PETRAGLIA, I.C. Filosofia e Formação Humana. In: **Trabalhos GT-17. 30ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2007. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-3573--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

MARKERT, W. Teoria Crítica, Formação Estética e Educação: reflexões sobre crítica da Economia Política, Formação Estética e o Conceito de Professor Reflexivo-Transformativo. In: **Trabalhos GT-17. 30ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2007. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-2955--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

NUSSBAUM, M. *Sin fines de lucro. Por qué la democracia necesita de las humanidades*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

MAZOTTI, T.B. Filosofia da educação: uma outra filosofia? **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis: UFSC, 17(32): 15-32, Jul./dez.. 1999.

MENDES, D. T. Anotações sobre o pensamento educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, 68 (160): 493-504, 1987.

MIRANDA, J. V.A. Levinas e a reconstrução da subjetividade ética: aproximações com o campo da educação. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-879%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

NODARI, P. C. Educação, cultura e cidadania. In: **Trabalhos GT-17. 31ª. Reunião Anual**. ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4347--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].

OLIVEIRA, A.R. Educação e exclusão: a contribuição da filosofia da educação na determinação conceitual. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis: UFSC, V. 18, N. 34, p. 11-31, jan./jul. 2000.

OLIVEIRA, N.A.; GHIGGI, G.; OLIVEIRA, A.R. A formação pela experiência livre e a autoridade da vontade geral: conceitos que dialogam na pedagogia política de Rousseau. In: **Trabalhos GT-17. 29ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2006. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-2595--Int.pdf> , último acesso em 04/12/2012].

OURIQUE, M.L.H.; TREVISAN, A.L. Educação, Formação Cultural e Pluralidade de perspectivas entre outros (en)cantos das sereias. In: **Trabalhos GT-17. 30ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2007. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-3095--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

OURIQUE, M.L.H. Performances da docência: compreensão das dimensões filosóficas da formação. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6511--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

PAGNI, P.A. Da polêmica sobre a pós-modernidade aos ‘desafios’ lyotardianos à Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa.** São Paulo: USP, v. 32, n.3, p. 567-588, set./dez. 2006.

PAGNI, P.A. Matizes filosófico-educacionais da formação humana. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-184%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

PAGNI, P.A.; SILVA, D.J. **Introdução à Filosofia da Educação:** temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007.

PROGRAMAÇÃO DO GT-FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. GT Filosofia da Educação ANPEd. Pelotas: UFPel, 2007. [Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/GT17/ProgramacaoGT17.doc>, último acesso em 08 de dezembro de 2012].

PUCCI, B. Filosofia da Educação: para quê? **Perspectiva:** Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UFSC, 16(29): 23-44, jan./jul. 1998.

RAMIREZ, C. E. N. Foucault professor. In: **Trabalhos GT-17. 31ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2008. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT17-4152--Int.pdf>, último acesso em 01/12/2012].

SANCHEZ, L. B. Filosofia, formação ética e ensino médio: uma combinação possível? In: **Trabalhos GT-17. 29ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2006. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-1984--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

SANTIAGO, M. B.; RÖHR, F. Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber. In: **Trabalhos GT-17. 29ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2006. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

SAVIANI, D. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, D. T. **Filosofia da educação brasileira.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.

SEVERINO, A.J. A contribuição da Filosofia da Educação. **Em aberto. Brasília,** ano 9. n 45, p. 19-25, jan./mar. 1990.

SEVERINO, A.J. A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI JR, P. **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000, p. 265-326.

SILVA, A.S. Educação, racionalidade e formação: por um desencantamento dos conceitos. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-956%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

SILVA, A. G. F. Hegel: o conceito de Freiheit fundamentando a noção de *Bildung*. In: **Trabalhos GT-17. 30ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2007. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-3688--Int.pdf>, último acesso em 02/12/2012].

SILVA, A.G.V. o conhecer e o educar em Platão: a anamnese apresentada no “Menon” como condição de possibilidade da Paidéia apresentada na “República”. In: **Trabalhos GT-17. 32ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5879--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

SILVA, A.G.F. O conceito de liberdade como condição de possibilidade para a idéia de formação humana. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-121%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

VALLE, L.A.B. A educação como enigma e como atividade prática-poiética: implicações para o ensino da filosofia da educação. **Perspectiva:** Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UFSC, V. 18, N. 34, p. 33-46, jan./jul. 2000.

VALLE, L. A. B. Fazer(-se) interrogação. In: **Trabalhos GT-17. 34ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT17/GT17-855%20int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

VALLE, L.A.B.; KOHAN, W.O. Notas para pensar a Filosofia da Educação no Brasil. **Educação em Revista.** Marília: UNESP, n. 5, p. 15-22, 2004.

VALLE, L.A.B.; BOHADANA, E. Sobre presença e distância - reflexões filosóficas acerca da formação online. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2010. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6042--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

VIEGAS, M.F. Teoria crítica e formação do trabalhador flexível: contradições e possibilidades de emancipação. In: **Trabalhos GT-17. 33ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2011. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT17-6207--Int.pdf>, último acesso em 04/12/2012].

TOMAZETTI, E.M. Filosofia da educação e formação de professores em algumas universidades brasileiras entre os anos 40 e os anos 60. **Perspectiva:** Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UFSC, V. 19, N. 2, p. 433-467, jul./dez. 2001.

TOMAZETTI, E.M. **Filosofia da Educação** – um estudo sobre a história da disciplina no Brasil. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

TREVISAN, A. L. Formação ou reificação? A educação entre o mesmo e o outro. In: **Trabalhos GT-17. 32ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2009. [Disponível em: <http://www.anped.org.br/app/webroot/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT17-5116--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

ZUIN, A. A. S. A Dialética Socrática como Paidéia Irônica. In: **Trabalhos GT-17. 30ª. Reunião Anual.** ANPED: Caxambu, 2007. [Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT17-2754--Int.pdf>, último acesso em 03/12/2012].

[¹] Uma parte dessas informações foi coletada no site do GT (<http://www.ufpel.tche.br/GT17>), criado e administrado por Filipe Ceppas em dois períodos distintos 2001 a 2003 e 2007, para expor os relatórios científicos e os trabalhos apresentados, em vistas a dar mais transparência à sua gestão, ao processo de avaliação e, principalmente, oportunizar a publicação prévia dos trabalhos e pôsteres apresentados para eventual debate. Outra parte foi encontrada no Portal da ANPEd, particularmente, no link com as reuniões anteriores (<http://www.anped.org.br/internas/ver/reunioes-aneais>), no qual estão disponíveis a programação, os trabalhos completos e os pôsteres dos GTs desde a 23ª Reunião Anual. Para uma pesquisa mais apurada acerca dessa oscilação e queda no número de trabalhos apresentados, nesse início dos anos 2000, seguramente, seria mais adequado uma pesquisa em outros arquivos disponíveis e, quem sabe, a realização de entrevistas mais circunstanciadas com os participantes do GT.

[²] O GT de sociologia da educação, criado em 1990, abrigava os estudos desse campo, porém, alguns trabalhos que procuravam maior interface da política com a Filosofia e se delineavam em aproximações das teorias sociológicas terminavam submetidos, em seus primeiros anos, no GT-Filosofia da Educação. Algo diferente ocorria com os trabalhos em psicologia da educação que só conseguiram um lugar efetivo para a sua circulação com a criação do GT-20, em 1999, e, até então, um contingente razoável de trabalhos era enviado para o GT-Filosofia da Educação, como até hoje, com menor frequência, continua a ocorrer, sobretudo, quando tentam relacionar temas psicológico-educacionais a problemas filosóficos ou perspectivas da Filosofia. No que se refere aos problemas de meio ambiente, as questões relacionadas ao gênero e à diversidade sexual e de relações étnico-raciais na educação, embora poucos trabalhos fossem submetidos em torno dessas temáticas, se nota um baixo índice de submissão de e, lamentavelmente, ainda que se tenha ampliado as margens da discussão para maior interface com os GTs criados para debate-las na ANPEd, poucas parcerias têm ocorrido do GT-17 com os mesmos ou, então, com o GT-Educação e Arte.

[³] Uma série de números foi organizada compreendendo os títulos “Educação e Filosofia” ou “Filosofia e Educação”. O primeiro foi o número 19, volume 11, publicado em 1993, na revista, com uma seleção dos trabalhos e comunicações apresentados na 17ª Reunião Anual de 1994 – pode parecer que há um erro de datas, mas o mais provável é que seja um atraso do número da revista, aproveitando para atualizá-la os trabalhos do GT-17. Não foram publicados as comunicações e os trabalhos apresentados na 18ª Reunião Anual, mas somente o de sua edição seguinte, número 25, volume 14 de 1996, que conseguiu o feito de fazer uma publicação concomitante ao evento. Da 20ª à 22ª Reunião Anual (1998, 1999 e 2000), os trabalhos apresentados foram publicados na Revista Perspectiva, um ano após a apresentação, respectivamente, nos no. 29/v. 16/1998, no. 32/v.17/1999, no 34/v. 18/2000. Somente um trabalho da 23ª Reunião Anual foi publicado, conjuntamente com os trabalhos da 24ª Reunião Anual de 2001, no n.2/v. 19/2001 da mesma revista, porém, com um título diferente dessa série: “Intelectuais e Perspectiva”.

[⁴] Deve-se recordar que tal alteração começou a ocorrer, na assembleia geral da 22ª Reunião Anual. Após aprovar a deliberação de orientar os GTs a substituírem as modalidades anteriores de apresentação (trabalho e comunicações) por trabalhos e pôsteres, coube aos GTs certa autonomia para a definição do número de apresentações em cada uma dessas modalidades, no tempo disponibilizado pela organização geral das Reuniões Anuais para a qualificação da demanda (se induzida por uma temática ou não) e para a encomenda (ou não) de trabalho(s) e de minicurso(s). Contudo, essa autonomia relativa foi questionada nas reuniões seguintes, ocasião em que a diretoria da ANPEd, em reunião com os coordenadores de GTs, propôs certa padronização, tanto no que se refere ao número de apresentação de trabalhos, dos trabalhos encomendados e dos minicursos quanto no caráter relativo à sua indução ou não, deixando que elegeassem a melhor forma de organização.

[⁵] Embora a modalidade de trabalho encomendado já fosse praticada desde a criação do GT-17-Filosofia da Educação, ela se torna não somente mais frequente nas Reuniões Anuais, como também vinculada a uma demanda induzida pelos seus participantes e debatida na lista de discussão na web a partir de 2001, salvo em momentos em que tal indicação foi assumida exclusivamente pela coordenação do GT. O mesmo não se pode dizer dos minicursos que somente em uma de suas edições, a da 30ª Reunião Anual de 2007, foi encomendado para abordar algumas “Indagações Sobre o Conhecimento no Campo da Educação” (PROGRAMAÇÃO DO GT-FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, 2007). Se os trabalhos encomendados auxiliaram a induzir uma demanda mais do que os minicursos, porém, a seleção destes últimos ficou sujeita a temas provenientes da demanda espontânea e a concorrência das propostas submetidas à avaliação. Quantitativamente, as propostas submetidas nesta modalidade apresentaram uma variação de submissão de 1 a 4, com a aprovação de um ou, como ocorreu nas 27ª e 28ª reuniões anuais, dois minicursos por reunião. Neste caso em que dois minicursos foram aprovados, em

geral, se notou a necessidade de atender temas/questões de interesse do GT-Filosofia da Educação e, principalmente, a de contrabalançar o menor número de trabalhos aprovados para apresentação.

[⁶] Neste ponto carecemos de estudos que corroborem essa hipótese e procurem ampliar os trabalhos desenvolvidos Albuquerque (1998), Valle (2000) e, principalmente, por Tomazetti (2001; 2003) sobre o ensino de Filosofia da Educação, já que os estudos recentes têm se centrado mais na constituição como campo.

[⁷] Um exemplo de preocupações semelhantes à mencionada pode ser encontrado em Cláudio Almir Dalbosco (2007).

[⁸] Um exemplo de produções com esse teor pode ser encontrado em um livro organizado por Pedro Angelo Pagni e Divino José da Silva (2007).

[⁹] Isso porque, para eles, o GT-Filosofia da Educação seria um dos espaços, não obstante os seus limites, capazes de '[...] contribuir para o estabelecimento de um terreno de reflexão que possa se alimentar com o confronto de ideias e posições, que possa propiciar expressões singulares da «filosofia da educação»; um terreno constituído, não pela perspectiva de unificação, mas pelo entendimento profundo das razões filosóficas, políticas e educacionais que tornam a interlocução indispensável à tarefa que nos propomos.' (VALLE; KOHAN, 2004, p. 18)

[¹⁰] Este trabalho não constou na programação disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/pdf_programacao/programacao_GT17.pdf . Provavelmente, em razão de seu autor ter desistido da apresentação.

[¹¹] O texto não está disponível no site.